



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à imprensa esportiva italiana

Roma-Itália, 08 de julho de 2009

Presidente: Como vocês sabem, nós estamos pleiteando para a cidade do Rio de Janeiro a primazia de organizar as Olimpíadas de 2016. Nós organizamos os Jogos Pan-Americanos de 2007, vamos organizar os Jogos Militares em 2011 e vamos organizar a Copa do Mundo de 2014. Esperamos uma final entre Brasil e Itália e não vou dizer quem vai ser o ganhador. Pretendemos realizar as Olimpíadas.

Por que o Rio de Janeiro está reivindicando para si os Jogos Olímpicos? Primeiro, porque o Brasil é o único país do mundo, que está entre as dez maiores economias do mundo, que nunca organizou os Jogos Olímpicos. Segundo, porque o Brasil está em um processo de crescimento, que irá continuar do jeito que está. Em 2016, nós seremos, na pior das hipóteses, a quinta economia do mundo. Terceiro, porque estamos fora do circuito das Olimpíadas e achamos que a América do Sul tem o direito de reivindicar para si a realização dos Jogos Olímpicos.

Nós estamos com um processo de investimentos no Brasil, não por conta das Olimpíadas, não por conta da Copa do Mundo, mas porque adquirimos condições de fazer investimentos em infraestrutura que vão deixar o Brasil muito melhor preparado para receber os Jogos Olímpicos. Nós temos um plano de recuperação da infraestrutura brasileira até 2010, um investimento de US\$ 304 bilhões. Vamos fazer o outro programa 2011/2012, aí já trabalhando a mobilidade urbana, por conta da Copa do Mundo, e por isso faltará muito pouco para concluir as coisas necessárias para realizar as Olimpíadas. Nós temos toda a estrutura dos Jogos Pan-Americanos pronta e, portanto, nós vamos cuidar da infraestrutura, que passa pela necessidade do



país, pela Copa do Mundo e pela Olimpíada.

Ademais, o Brasil é um país muito jovem e eu acho que as Olimpíadas têm que ser discutidas não apenas até o momento da entrega da medalha. Elas são muito importantes depois da medalha, o que ficou das Olimpíadas, qual a fotografia das Olimpíadas a partir do momento em que terminam os Jogos. Ou seja, os Jogos Olímpicos não podem ser vistos apenas do ponto de vista comercial, eles têm que ser vistos também do ponto de vista social, do ponto de vista cultural e do ponto de vista motivador, da transformação do país que recebe as Olimpíadas.

E o Brasil é um país muito jovem, com uma juventude muito jovem, e eu acho que as Olimpíadas iriam despertar nessa juventude aquilo que uma Olimpíada precisa despertar: paixão antes, durante e depois. Para algum país que já realizou as Olimpíadas e vai realizar outras, é apenas mais uma Olimpíada. Mas para um país em processo de transformação, como o Brasil, ou seja, na verdade, uma Olimpíada contribui para ajudar a transformar o país e, sobretudo, para aumentar a autoestima do povo daquele país. Por essas razões, além da beleza do Rio de Janeiro nós achamos, por direito, reivindicar a realização das Olimpíadas no Brasil. Não é um desejo do presidente Lula porque já não estarei no governo em 2016, não é um interesse do governador atual ou do prefeito atual. Aliás, o prefeito atual, se for reeleito em 2012, ele estará à frente da cidade em 2016. Mas eu saio em 2011 e o Governador sai em 2014.

O que nós fizemos, então? Nós transformamos o desejo das Olimpíadas em uma vontade do Estado brasileiro e dos seus entes federados, e não em uma vontade pessoal. O que nós queremos é criar as condições, o programa, depois desse programa feito, aprovar no Orçamento da União para que, qualquer que seja o governo que venha a governar o Brasil, ele tenha compromisso de realizar as coisas necessárias para fazer uma olimpíada.

Essas são as razões pelas quais nós estamos pleiteando organizar a



Olimpíada de 2016. A última realizada na América Latina foi no México, em 1968. Se o México, em 1968, teve condições de realizar uma olimpíada, em 2016 o Brasil tem muito mais. Alguns argumentam “O Brasil não vai ficar pensando muito na Copa do Mundo e vai esquecer as Olimpíadas?” Esta pergunta deveria ter sido feita para a Alemanha, teria que ter sido feita para o México ou para os Estados Unidos, porque todos realizaram Olimpíadas depois da Copa do Mundo realizada nos seus países. Esse argumento não pode valer só para o Brasil. Deve valer para todo mundo.

Nós estamos convencidos que como Olimpíadas e Copa do Mundo são duas coisas muito distintas, nós vamos ter gente cuidando das Olimpíadas e gente cuidando da Copa do Mundo. Por isso é que o Brasil está preparado, respeitando os seus adversários, obviamente. Chicago, Tóquio e Madri são cidades importantes, mas acho que nós deveremos ser levados em consideração, primeiro porque somos um continente novo, que nunca fizemos uma Olimpíada. E eu acho que a Olimpíada não pode ser feita apenas nos países ricos, ela precisa ser feita respeitando as necessidades de cada continente. Hoje é a América do Sul que reivindica, amanhã será a África, e por que não os africanos realizarem umas Olimpíadas também? É um pouco essa a nossa visão e me colocar à disposição de vocês.

Jornalista: Eu quero fazer duas perguntas. Minha primeira pergunta é a seguinte: na introdução o senhor explicou muitas das razões pelas quais o Brasil se sente pronto. O problema é que, (incompreensível) em particular aquela candidatura como a do Brasil, a dos países que são novos, é que chegar às Olimpíadas significa que o mundo faz uma aposta no Brasil. O senhor concorda com essa idéia? O senhor pede ao mundo que aposte no Brasil em 2016?

Presidente: Olhe, eu penso que o mundo hoje tem uma noção exata do que



significa o Brasil. O Brasil tem uma economia mais estabilizada que muitos países ricos, o Brasil tem uma política de crescimento maior do que a de muitos países ricos, o Brasil está vivendo um momento extraordinário de ascensão social da parte pobre da população e o Brasil tem uma juventude extraordinária, ávida a ter uma chance de mostrar do que ela é capaz. Portanto, eu acho que o mundo tem muito a apostar no Brasil. É só perguntar para as empresas italianas onde elas estão ganhando mais dinheiro, se é na Itália ou no Brasil. E aí vale para as alemãs.

Realmente, eu acho que o Brasil vai viver um momento de ouro no século XXI. Acho que nós aprendemos a viver com estabilidade, a praticar a ascensão social das pessoas, e queremos nos transformar em uma grande economia. Nós não queremos mais ser apenas o país do futuro. Nós estamos aprendendo que é bom ganhar um pouco mais de salário, estudar um pouco mais, comer um pouco mais e, sobretudo, a ascensão e a esperança da juventude.

Jornalista: Posso fazer uma segunda pergunta? Nós sabemos que é a sua grande paixão. O senhor fala da vontade dos jovens do Brasil. Isso nós vemos inclusive no nosso campeonato de futebol. O senhor sabe que um brasileiro importante, Kaká, deixou o campeonato italiano. Mais um brasileiro importante, Diego, e outro brasileiro importante, Felipe Melo, ontem à noite se tornaram ídolos do Juventus, time que conquistou mais títulos na Itália. Foram dois jovens jogadores, novos ídolos para o Brasil também. Isso é um prazer para o senhor?

Presidente: Muito prazer. Eu tenho o lado prazeroso de ver que jovens pobres brasileiros tenham ascensão na vida. E hoje, ter ascensão no mundo esportivo, sobretudo no futebol, significa jogar na Itália, na Espanha ou na Inglaterra. Até 1970, o Brasil era o país do futebol, porque lá se praticava o melhor futebol e lá



se produziam os melhores jogadores. Agora nós produzimos os jogadores, eles vêm para cá muito jovens e regressam para o Brasil depois dos 30 anos. Retornam ricos, falando uma ou duas línguas, ou até três línguas, têm contato com culturas diferentes. Eu acho isso excepcional. Eu só lamento que eles não possam jogar no meu time no auge da sua carreira. Você veja, o Ronaldo nunca foi campeão nacional. Ele veio para cá com 17 anos, 18 anos ou antes. Agora, aos 32, voltou para o meu Corinthians e foi campeão paulista, e foi campeão agora da Copa brasileira. O primeiro título dele, aos 32 anos, e virou a sensação do campeonato.

Mas eu acho extraordinária a ascensão dessa juventude. Por exemplo, eu nunca tinha ouvido falar no Felipe Melo. De repente eu vejo ele na Seleção brasileira, e um grande jogador. Ele, na verdade, é o meio campo que faltava ao Brasil. O Diego, quando jogava com o Robinho no Santos, era um sucesso extraordinário. Dois meninos de 18 anos dando espetáculo. Mas agora os italianos, os ingleses, os espanhóis já estão comprando os meninos com 13 anos de idade, com 14 anos... E o que é mais grave: eles querem vir. Mas eu fico feliz.

Jornalista: O senhor disse que em 2015, o Brasil será uma das cinco potências do mundo do ponto de vista econômico. Se isso acontecer, é possível que os jovens campeões fiquem no Brasil e não venham mais para cá? Esse também seria um objetivo?

Presidente: Não, isso é consequência.

Jornalista: Mas seria bom se esses jovens campeões, em vez de vir para cá, ficassem no Brasil?

Presidente: Eles só vão ficar no Brasil quando os clubes brasileiros estiverem



profissionalizados e em condições de fazer os mesmos contratos que fazem os clubes europeus. Eu não sei se isso acontecerá em 2015. Mas o dado concreto é que na medida em que haja evolução econômica do País, conseqüentemente os times de futebol vão melhorar e vão poder segurar lá. Agora, também é importante ter em conta que muitas vezes o jogador não vem apenas por dinheiro, se bem que o dinheiro é importante. Mas todo mundo quer ter ascensão cultural na vida, quer conhecer outros povos, outras culturas, isso também influencia muito na decisão de um jovem. Eu vou lhe dar um exemplo: eu recebi um grupo de jogadores do Corinthians na semana passada. E o Dentinho é um jogador formado na base do Corinthians, e eu penso que ele vai sair do Corinthians. Então eu perguntei para ele. Ele falou para mim: “Olha, Presidente, eu gosto muito do Corinthians, mas eu tenho apenas vinte anos de idade, sabe, se eu tiver alguma chance de ter acesso a outras culturas e também ganhar dinheiro, ou seja, é importante. Eu não tenho outra chance na vida”.

Então eu acho que o dinheiro é muito importante, mas não é apenas isso. Sabe, com esse mundo globalizado, ou seja... Antigamente quando entrava em campo a Seleção Brasileira contra a Seleção da Itália, pareciam dois inimigos entrando em campo. Hoje, quando entra Brasil contra Espanha, Brasil... são todos amigos, todos amigos, ou seja, isso é a coisa importante da globalização do futebol.

Eu penso que a possibilidade de o Brasil vencer se ele estiver bem é sempre muito grande. E eu acho que o Dunga acertou, agora, porque o Dunga montou um grupo harmônico, ou seja, as pessoas voltaram a ter orgulho de vestir a camisa da Seleção Brasileira. E eu acho que essa motivação e esse orgulho representam 40 ou 50% do sucesso de um time.

Jornalista: Uma vez, Jorginho, segundo de Dunga na seleção, disse que no Brasil, os cargos mais difíceis são dois: o de Presidente e o de técnico da



seleção brasileira. Gostaria de saber se o senhor acha se isso é verdade.

Presidente: Não, não, é muito difícil ser técnico da Seleção brasileira porque no Brasil, eu não sei aqui na Itália, mas no Brasil o que as pessoas querem é vitória. Se não ganhar, já ficam pedindo a cabeça, a primeira coisa a pedir é a cabeça do técnico. Agora, o Dunga é um homem que viveu situações adversas como jogador de futebol. Ele foi acusado, na Copa do Mundo de 90, em Turim, e, em 94, ele foi campeão do mundo, do jeito dele, com muita personalidade. E eu acho que o técnico ajuda muito, mas a verdade é que ele não tem total responsabilidade nem por 100% da derrota, nem por 100% da vitória. Mas eu acho que é difícil. No Brasil, no Campeonato Brasileiro, tem time que troca de técnico quatro vezes durante o campeonato. Eu acho que um técnico, como o Presidente da República, ele tem que ter um tempo da construção do seu projeto, daí porque não pode tirar a qualquer momento. O Leonardo virou técnico do Milan agora. Leonardo é um grande personagem como homem, bom caráter, agora, se o time não ajudar...

Jornalista: Senhor presidente, eu sou Giane Frederico. Fiquei muito impressionado com suas palavras sobre as Olimpíadas no Rio de Janeiro. O senhor não pensa que depois das eleições do presidente Obama a candidatura de Chicago seja praticamente imbatível, pelo fato de que a cidade sede para 2016 será escolhida este ano?

Presidente: Veja, os Estados Unidos são tão grandes que qualquer cidade americana se dá ao luxo de reivindicar uma olimpíada. Agora, é preciso definir claramente o que nós queremos com as Olimpíadas. Não é um jogo de rico, estamos falando do jogo... os desportistas são, na grande maioria, pobres. Portanto, nós temos que universalizar o roteiro das Olimpíadas. São a quarta nos Estados Unidos. Por isso que eu acho que o Comitê Olímpico tem que



pensar. A Inglaterra vai fazer em 2012. Não é justo fazer na Europa outra. O Japão já fez uma, e por que não fazer no Brasil? Por que não fazer no Rio de Janeiro? Chicago não é mais bonita do que o Rio de Janeiro.

Então, nós vamos proporcionar aos atletas, aos jornalistas, aos dirigentes, além da mesma prática esportiva e da qualidade esportiva de Chicago, nós vamos oferecer o olhar para as melhores praias do mundo, para parte das coisas mais belas que a natureza produziu. Eu acho que as três cidades são importantes. Madri é uma cidade fantástica, Tóquio é uma cidade fantástica, Chicago... Agora, o Rio de Janeiro é mais fantástico. E também, porque no Rio de Janeiro nós temos mais juventude do que em qualquer outra cidade. Os Jogos Olímpicos não podem ser feitos apenas para as pessoas da terceira idade, como eu. Tem que fazer para as pessoas mais jovens, despertar nos meninos de 13 anos, 12 anos, 14 anos, a paixão pelas Olimpíadas, o significado dos Jogos Olímpicos. É você despertar esperança em milhões de jovens que estão acostumados a ver as Olimpíadas a 20 mil quilômetros de distância, pela televisão. Então, eu acho que o Comitê Olímpico tem que pensar nessas coisas, com muita sensibilidade na hora de decidir.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Aí você terá que perguntar para os membros do Comitê Olímpico Brasileiro.

Jornalista: Qual é a sua sensação?

Presidente: Eu penso que nós temos chance. Das três vezes que nós participamos, esta é a vez que nós temos chance de ganhar. Eu tenho tido surpresas agradáveis com pessoas que eu tenho conversado da Europa, da Ásia, do interesse de votar no Brasil. É até uma surpresa gostosa, e é com



essa expectativa que eu sonho que em outubro que o Brasil vença.

Jornalista: Atenção, porque em 2004 Roma era a candidata número um e depois... surpresas são sempre possíveis.

Presidente: Sim, surpresa, Paris também era... veja, são homens que vão votar e, portanto, nós temos que nos subordinar à sensibilidade dos delegados. Agora, em Roma é muito difícil de fazer Olimpíada, porque quando forem cavar para fazer qualquer coisa vão encontrar um monumento histórico. Mas eu fui, agora, à Inglaterra. O que está acontecendo lá? Eles pegaram um lugar muito pobre de Londres, muito abandonado, e ali vão fazer as Olimpíadas. O que eu achei fantástico é que agora o projeto de uma Olimpíada é móvel, não apenas os países, mas os equipamentos. Ou seja, a Inglaterra está fazendo um estádio para 60, 70 mil pessoas. Mas quando terminarem as Olimpíadas, a estrutura do estádio será vendida para quem quiser comprar, é desmontável, e monta em outro lugar. Daqui a pouco você vai escolher o país, e o país vai pegar tudo o que foi feito...

Jornalista: Sei que o senhor é torcedor do Corinthians. E sei que há jogadores que podem vir aqui para Roma, como o Elias.

Presidente: Muito bom de bola. Muito bom, muito bom mesmo, extraordinário.

Jornalista: O senhor conhece o Lazio?

Presidente: Eu conheço

Jornalista: O senhor daria esse conselho para ele vir a Roma?



Presidente: Não, eu daria o conselho para ele ficar no Corinthians. Mas se ele vier para cá, vai fazer sucesso, vai fazer sucesso.

Jornalista: Qual o próximo craque brasileiro que está surgindo, um jovem jogador que seja o próximo Kaká. O Dentinho?

Presidente: Não, eu acho que o Kaká... o Kaká é um jogador muito especial. Uma boa novidade no Brasil é aquele menino, como é que ele se chama? Aquele do Cruzeiro... Ramires. O Ramires é uma belíssima esperança. Agora, tem dois meninos muito jovens. Um joga no time que o Pato jogava, no Internacional, chamado Taison, e o outro é um menino do Santos, chamado Neumar. Acho que é Neumar, né?

Jornalista: Neymar.

Presidente: O problema é que esses jovens ficam muito famosos antes de se consagrarem como astros. O Pato ainda não conseguiu desenvolver tudo o que ele sabe, no Milan. Eu estava em casa, vendo a estréia dele no Milan, e eu achei exagerada a apoteose que fizeram com um jovem de 17 anos, porque nós temos que trabalhar com o psicológico também.

Jornalista: O Presidente irá hoje a L'Áquila para o G-8. Eu gostaria de saber se haverá, à margem do G-8, um encontro bilateral com Berlusconi, isso porque as relações entre Brasil e Itália estão um pouco balançadas depois do caso Battisti. E gostaria de saber se há alguma novidade sobre o caso, visto que se esperava uma sentença antes do verão.

Presidente: Primeiro, que não existe nenhum abalo na relação entre...



Jornalista: Desculpe-me. O presidente Berlusconi havia previsto uma visita oficial ao Brasil que depois não ocorreu.

Presidente: Veja, primeiro, eu não vejo nenhum abalo na relação Brasil-Itália por conta do caso Battisti. Eu acho que, muito mais do que o Battisti, é a relação histórica entre Itália e Brasil, sobretudo levando em conta que o Brasil é um país que tem 30 milhões de descendentes italianos morando no Brasil e construindo o Brasil. Segundo, o caso Battisti é um caso que está na Suprema Corte. E o Presidente da República nem aqui na Itália e nem no Brasil discute a decisão da Suprema Corte. Na hora em que eles tomarem a decisão, ela é soberana. O presidente do país não pode sequer dizer se gostou ou não gostou, é uma decisão da Suprema Corte. Então eu acho que nós só devemos aguardar a decisão da Suprema Corte e não posso te dizer quando é que vai ser julgado, porque a pauta é soberana também, sabe, então vamos aguardar. É apenas ter paciência.

Jornalista: E haverá uma bilateral com Berlusconi?

Presidente: Eu penso que haverá a bilateral. Agora, o G-8 também não precisa ficar marcando muito a bilateral porque a gente vai estar junto o dia inteiro, então ali você põe a mão no ombro e sai conversando ali, está feita uma bilateral.

Jornalista: Com o Berlusconi também se fala de futebol?

Presidente: Fala de futebol, fala de futebol. Está bem?

Jornalista: Muito obrigado.



(falha na gravação)

Presidente: ...ele pode perder a bola e tem um cara lá atrás para dar a bola para ele outra vez.

Jornalista: Um time um pouco mais socialista.

Presidente: Sim, sim, sim. E eu, aqui na Itália, admirava muito o Maldini.

Jornalista: Grande símbolo, grande símbolo. O senhor sabe que o centroavante do Juventus, Amauri, pode se tornar italiano, ele pode se converter em italiano e pode jogar no time nacional.

Presidente: Seria bom porque... Acho que o titular da Copa vai ser o Luís Fabiano. Ele era bom no São Paulo, ele está bom na Espanha.

Eu tenho falado muito com o Ronaldo e eu tenho falado para ele que ele precisa se preparar. Ele só tem mais um ano de carreira, se ele se dedicar esse ano, ele ainda pode voltar à Seleção. Mas depende só dele. Porque quando ele chegou ao Corinthians, ele marcou os gols mais importantes do Corinthians. E ele vai nas jogadas que ele correu mais do que o central que era jovem. Agora, depende só dele, não depende de ninguém. É um homem rico, não sei se ele está cansado ou... que acha que às vezes... eu tenho a impressão que também eles cansam e querem parar um pouco. Querem parar porque querem ser seres humanos normais. Querem tomar uma cervejinha, tomar um chope, afinal de contas, todo mundo é filho de Deus.

Jornalista: Obrigado.

Jornalista: No ano passado, o senhor encontrou os jogadores brasileiros do Milan. Agora que o Kaká foi negociado com o Real Madrid, o Milan perdeu o



seu charme para os brasileiros?

Presidente: Eu acho que o Milan não perdeu o charme para os brasileiros, porque tem outros brasileiros bons que vão jogar no Milan. O que eu acho é que o Milan perdeu um grande jogador, porque o Kaká, além de ser um bom jogador, ele é um menino de muito equilíbrio psicológico, e eu acho que o Milan perdeu. Eu não sei quem o Milan vai colocar no lugar, mas certamente não será fácil encontrar um Kaká em qualquer esquina ou a cada década.

Jornalista: O que o senhor pensa de todo aquele dinheiro que o Real Madrid está gastando? O senhor concorda com o presidente da UEFA, Platini, de que tem que haver limite para os salários?

Presidente: Você está lembrado que o basquete americano passou por uma crise há uns dez anos atrás exatamente pelo excesso de dinheiro que se pagava aos jogadores de basquete nos Estados Unidos. Eu acho que é preciso ter um equilíbrio no futebol, porque daqui a pouco você vai ter um monte de time no mundo inteiro que não pode competir. Eu acho que é preciso se criar um determinado limite porque senão outros países como o Brasil, que produzem extraordinários jogadores, não vão ter mais nenhum jogador lá porque as crianças estão vindo com 14 anos, com 15 anos, com 16 anos. Eu penso que é preciso a gente começar a discutir o que está acontecendo no mundo do futebol, que uns times podem pagar tanto por um jogador e os outros não podem pagar nada.

Jornalista: Melhorou a relação com o Ronaldo, agora que ele está no Corinthians?

Presidente: Eu acho que a volta do Ronaldo para o Brasil foi uma coisa extraordinária porque ele estava praticamente decidido a parar de jogar futebol



e de repente, ele volta a jogar no Corinthians e ainda meio fofo, ele ainda precisa perder uns quilos, mas ele está fazendo o essencial para o Corinthians ser campeão paulista invicto, para o Corinthians ser campeão da Copa Brasil. Agora vamos ganhar o Campeonato Brasileiro e vamos disputar a Libertadores para o próximo ano. Eu acho que ele está dando uma contribuição enorme para o futebol.

Jornalista: A imprensa inglesa diz que a Espanha deve ocupar o lugar da Itália no G-8. E o senhor diz que não há senso um G-8 que tem um país como o Canadá e não tem um país como a China. É verdadeiramente um encontro entre países amigos?

Presidente: Olha, veja, primeiro, o G-8 existe há muito tempo, não sou eu que vou dizer como é que o G-8 deva funcionar ou não. O que eu acho é que o G-8 não representa mais os interesses do mundo globalizado, sobretudo quando nós temos uma crise econômica em que os países emergentes se apresentam com mais possibilidades do que os países ricos. Acho que nós precisamos de um fórum internacional mais representativo, e não precisa tirar um país para colocar outro. Pode colocar mais países, porque também os pequenos têm que participar. Os países menores não são causadores da crise, mas são vítimas da crise, e eu acho que não pode ser uma reunião apenas dos países que causaram a crise e dos países emergentes. É preciso saber o que pensam os países africanos, é preciso saber o que pensam as ilhas do Caribe, é preciso saber o que pensa o mundo sobre a crise. Todo mundo tem sugestão.

Então, o que eu acho, de verdade, é que na hora em que a ONU for reformada, ela terá condições de ter uma instituição multilateral que possa cuidar das crises econômicas. O mundo não pode ficar subordinado a uma empresa privada, fazendo avaliação de risco do país. Nós temos bancos centrais que precisam se reunir, nós temos ministros da Fazenda que têm que



se reunir, nós temos ministros das Relações Exteriores que têm que se reunir, porque cada vez mais o mundo desenvolvido e o mundo em desenvolvimento têm contribuição a dar. Nessa crise, o que é importante é que nenhum país sabe de nada, nenhum país tem a verdade absoluta. Então, todo mundo senta à mesa para negociar em igualdade de condições e, por coincidência, os países emergentes, como o Brasil e a China, estão em melhores condições do que os países chamados ricos. Entramos na crise por último e vamos sair da crise primeiro, e a nossa economia, por tudo o que eu tenho lido, está vivendo um momento muito importante. Nós vamos crescer, vamos crescer no ano que vem, estamos gerando mais empregos, está aumentando a produção, está aumentando o consumo, coisas que eu acho que os países ricos precisam cuidar, porque todos eles são grandes consumidores, são grandes exportadores. Se as suas economias forem bem, as nossas estarão ainda melhores.

Jornalista: A relação entre o governo italiano e o governo brasileiro depois do caso Battisti...

Presidente: Veja, eu acho que o caso Battisti não influenciou em nada a relação Brasil-Itália. Nós temos uma relação histórica. O Brasil é um país que tem 30 milhões de italianos e descendentes de italianos, portanto, isso vale mais do que qualquer caso. O caso Battisti está na Justiça, está na Suprema Corte, e no Brasil nós temos o hábito de não dar palpite nas coisas que estão na Suprema Corte, nem nas coisas internas e nem nas coisas externas. Na hora em que a Suprema Corte tomar a decisão, qualquer que seja a decisão, estará tomada.

Jornalista: O que o senhor pensa dos escândalos que aconteceram com o presidente Berlusconi?



Presidente: Olha, eu prefiro não fazer comentário porque não conheço a fundo, mas eu acho que é uma coisa que os italianos saberão resolver.

Jornalista: Obrigado.

(\$31DGJMQ)